

**RANULPHO JOSÉ DE SOUZA SOBRINHO**

**RECURSOS FLORESTAIS DA ILHA  
DE SANTA CATARINA NO BRASIL  
C O L Ô N I A**

**Da Universidade Federal de Santa Catarina**

## AS MATAS DA ILHA NO INÍCIO DO SÉCULO XVI

Na época da descoberta do Brasil, era a Ilha de Santa Catarina, coberta de, "uma densa e imensa floresta, que descia até a orla das praias". (1)

Estando numa situação geográfica bastante privilegiada e oferecendo suas baías, perfeita segurança, não é de se estranhar, tenha sido a Ilha tão procurada por navegantes e piratas que aqui vinham em busca de água, víveres e **lenha**, começando-se assim com os 1<sup>os</sup>. navegantes o processo de desmatamento, a princípio lento e próximo às praias.

### 1ª Construção Naval na Ilha

Sebastian Caboto, comandando uma expedição espanhola, composta de 3 naus: "Santa Maria de la Concepcion, Santa Maria del Espinar e La Trinidad, parte de Sanlucar de Barrameda, a 3 de abril de 1526, com destino as Molucas.

Em Pernambuco, sabendo das riquezas do Rio da Prata, e de sobreviventes de Solis no Porto dos Patos, nome até então dado ao Destêrro, e que conheciam o estuário do Prata, por conta própria muda o curso da viagem e ruma para a Ilha, onde chegou em outubro.

Contava a expedição, com 210 homens, entre eles um carpinteiro grego.

A 28 de outubro de 1526, quando adentrava a barra do Sul, sua nau capitanea a "Santa Maria de la Concepcion", naufraga. (2)

---

(1) — Cabral, O. R. — Os Açorianos — pág. 11

(2, 3 — Medina, J. Terebio — El Veneciano Caboto — pág. 148

Caboto, resolve construir uma embarcação de pequeno calado, não só para melhor explorar o Rio da Prata, como para alojar o restante da tripulação, porque as demais embarcações não a comportavam.

Desembarcados os tripulantes, manda construir cabanas e iniciarem os trabalhos de lavrar madeira para construir uma galeota de vinte bancos.

Todo o trabalho de carpintaria da embarcação estava terminado em 40 dias não tendo sido calafetada por haverem adoecido seus homens. Em J. Terebio Medina se lê: "se morieram alli muchos dellos de calenturas" (3), que O. R. Cabral, acha ser possivelmente uma epidemia de Malária. (4)

Ao se estabelecerem, os primeiros povoadores desmatavam certas áreas para nelas erguerem suas moradas e fazerem suas plantações.

"A Ilha de Santa Catarina", na descrição que dela faz o Inglês Southey, e citado no *The Modern Traveller*, pág. 265, "estava no ano de 1712, ainda coberta de florestas sempre verdes, excepto nas pequenas baías e riachos de frente para o continente, onde umas 14 ou 15 pontas foram limpas, ao redor das cascas dos colonos".

Tal afirmativa é corroborada por Frezier quando em março de 1712, por aqui landou.

Com a chegada dos povoadores açorianos, mais intenso se torna o desmatamento. "As primeiras sementeiras são feitas nas cinzas das **matas queimadas**, produzindo muito, porém as próximas pouco". (5)

E com esse processo empírico, de fazer agricultura, continua a destruição das reservas florestais da Ilha.

Com o desenvolvimento das lavouras de cana e de mandioca, surgem os engenhos, e deles havia na Ilha em 1797, segundo relatório do Governador Miranda Ribeiro, 350 engenhos de farinha, 1 engenho de açúcar, 38 fábricas de açúcar e 102 engenhos de aguardente (6), maior era a necessidade de lenha, e maior portanto o desmatamento, se fazia, agora já pelas encostas dos morros.

---

(4) — Cabral, O. R. — *História Catarinense*, pág. 22

(5) — Brito, Paulo José — *Memória Política* pág. 59

(6) — Laytano, Dante

Almeida Coelho refere-se às olarias que haviam em Destêro dizendo: "Há algumas fábricas de tijolo, outras de louça não vidrada e talhas, em que se trabalha primorosamente; mas é para sentir que este ramo de indústria vá desanimando em razão da carestia que já se experimenta de **lenha** e falta de barro próprio". (7)

Miranda Ribeiro em seu relatório de 17 de novembro de 1797, assinalava que na Ilha existiam 16 cortumes de couro: 9 na Vida Capital (Destêro), na freguesia de Lagoa 5 e na das Necessidades 2. (8)

Como fonte de tanino era empregado o mangue, de que também se serviam os pescadores para tingirem suas linhas e redes de pesca.

No norte do Brasil, usavam nos engenhos de cana, a lenha de mangue para caldear, por ser a melhor (9), e é bem possível que aqui também a usassem.

Isso poderá explicar o início do desaparecimento dos manguesais da Ilha.

Em 1788, intensifica-se na Capitania e na Ilha de Santa Catarina, o corte de madeiras, sendo o Sargento Mor Joaquim Correia o encarregado.

Para Lisboa são remetidas centenas de dúzias de tábuas, principalmente de Tapinhoã.

Com a denominação de tapinhoã, conhecem-se na Ilha duas espécies de Verbenaceas: o tarumã — *Vitex megapotamica*, (Spreng) Molenke, e a tucaneira *Cytarexylum mirianthum*, Cham., material botânico de ambos, foi coletado pela nossa equipe, sendo a 1ª coletada na restinga onde ocorre como arbusto, e a 2ª na mata de encosta atlântica, com hábito de árvore.

Em 1710, o Governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais, incumbe o Sargento-Mor Manoel Gonçalves de Aguiar, natural de Santos, prático de navegação, de verificar se em Enseada das Garoupas, atualmente Pôrto Belo, havia possibilidade de criação de uma cidade.

Aguiar, comissionado já em Capitão, parte de Santos a 11 de fevereiro de 1711 fazendo a viagem em uma sumaca de sua

---

(7) — Coelho, Almeida — *Memória Histórica* pág. 100

(8) — Laytano, Danta — pág. 149

(9) — Antonil — pág. 48

propriedade e tripulada por cinquenta homens. Todas as despesas da expedição foram feitas as suas expensas.

Porto Belo era ótimo porto, mas, as terras circundantes eram pantanosas, foram as informações de Aguiar. A 7 de abril aporta a Ilha de Santa Catarina, onde encontra 20 moradores, agrupados em torno de uma ermida. Em seu relatório diz Aguiar: 'Esta dita Ilha de Santa Catarina pela observância que fiz, com curiosidade, achei ter 20 léguas de circuito, com ricas enseadas, praias de areias e rios e achei, pelo que vi, dela serem as melhores terras de toda a AMÉRICA DO BRASIL, por nela se darem todos os generos de frutas, assim deste como Portugal, e, poder acomodar muitos mil moradores, assim na dita Ilha como na terra firme que fica distante um tiro de mosquete aonde chamam de vila''. (10)

Aguiar diz ainda que por ser a Ilha excelente porto de arribada era ela constantemente visitada por navios que iam ou que retornavam do Pacífico, principalmente franceses, que aqui aportavam de quinze em quinze dias. E mais, que em menos de um mês aportavam cinco naus daquela nacionalidade. (11)

### O QUE DISSERAM DAS MATAS DA ILHA AQUELES QUE PRIMEIRO A CONHECERAM

Todas as relações de madeiras citadas no presente trabalho, constam, nos originais consultados, somente com sua denominação popular, pois não eram estritamente contribuições botânicas. Coube a nós a identificação, completando com o seu nome científico onde coube a possível certeza.

Para o Sargento-Mor, Manoel Gonçalves de Aguiar, constava existir na Ilha do Arvoredo, boa quantidade de pau campeche — (**Hemotoylon campechianum** — Leguminosae), Aguiar envia seus homens em busca de amostras, não as conseguindo naturalmente, porque, não há ocorrência de pau campeche em Santa Catarina e o que existe é cultivado.

Informaram-lhe ainda que como madeira tintorial só conheciam o SABORAHY, que acreditamos seja o sobragi (**Colu-**

---

(10) — Taunay, A de E, — S. Catarina Colonial — pág. 35

(11) — Taunay, A de E, — S. Catarina Colonial — pág. 36

**brina rufa** (Mart.) Reiss. — uma Rhamnaceae, também popularmente chamada Saguragi e Socrujuva.

Em 1714 Gonçalves de Aguiar retorna a Ilha, aqui chegando a 13 de dezembro.

Sobre a colonização da Ilha de Santa Catarina, Agostinho Alvares Marinho, Capitão Mor e da Comarca de São Francisco informava a Aguiar, que "a Ilha era digna de receber colonos, **por quase deserta** e ser abrigo e couto de todos os navios estrangeiros em transito para o mar do Sul". (12)

Em "Notícias praticas da Costa e Povoações do Mar do Sul", Aguiar respondendo a 1ª pergunta, diz que os franceses fundeavam na Baía Sul.

Na 6ª pergunta, responde sobre o gado vindo de Curitiba, e que aqui moravam vinte casais (Frezier afirma que em 1712 viviam na Ilha e Continente 145 pessoas brancas, alguns índios e negros libertos.

(Nota: a petição dos moradores da Ilha contra o desmatamento confirma a assertiva de Aguiar).

A 30 de março de 1712, chegava à Ilha o navegador e engenheiro francês, Amadée François Frezier, comandando o navio de guerra Saint Joseph e acompanhado de um barco menor o La Marie.

Ancoraram em Canasvieiras, fazendo aguada e **lenha** em Sambaqui (13).

Durante os dez dias em que permaneceu na Ilha, Frezier fez o levantamento hidrográfico da Costa Catarinense.

Levantou também um mapa da Ilha de Santa Catarina e de uma parte fronteira do continente.

Fez observações botânicas, levando mesmo plantas sul americanas para a França. **Frondosa e densa floresta**, era a Ilha no dizer de Frezier, onde apenas em 12 ou 15 pequenos espaços a beira mar e nas proximidades das casas se havia cortado a mata, possuindo um "Bom clima e ares saluberrimos". Nessa época segundo êle, existiam na Ilha 145 brancos alguns negros e índios aliados.

---

(12) — Taunay, A de E — S. C. Colonial — pág. 50

(13) — Fontes, H. da Silva — A Irmandade dos Passos — pág. 23

Observou ainda o navegador francês, falando da farmacopéia: "a sassafráz antiluetica (**Ocotea pretiosa (Nees.) Mez-Lauraceae**), era tão comum que se a empregava como lenha, dizia também existir o guaiaco (**Guajacum officinale, G. sanctum, — Zygothylaceae**), o 1º é originário da América do Sul e das Antilhas e o 2º das Antilhas, porém não foram constatadas ocorrências dessas espécies tanto na Ilha como no Estado.

Fala-nos de laranjas tão boas como as da China, de limões, goiabas (**Psidium guajava-Mirtaceae**), batatas (**Ipomoea batatas-Convulvulaceae**), palmitos (**Euterpe edulis Mart.-Palmae**), reporta-se ao algodoeiro (**Gossypium sp. — Malvaceae**).

A 12 de abril de 1712 Frezier deixa a Ilha com destino ao Pacífico (14).

Sobre o que era a floresta escrevia George Shelvocke corsário inglês que aqui aportara comandando o Speedwell, em 23 de junho de 1719.: "a Ilha acha-se coberta completamente de mataria espessíssima, tão cerrada freqüentemente de azevinhos e espinheiros que se tornava deficitimo nela penetrar", e que "o verdadeiro baluarte dos moradores eram as florestas quase inacessíveis" (15)

Na sua estada na Ilha, Shelvocke manda o carpinteiro de bordo cortar lenha e serrar taboas, levando madeira suficiente para a construção não só de um bergantim, em caso de naufrágio, como também para uma cabana de abrigo. Refere-se ainda o corsário a existência do sassafrás (**Ocotea pretiosa (Nees) Mez**). (16)

Em 29 de novembro de 1763, aportavam à Baía Norte os barcos AIGLE uma fragata e a corveta Le SPHINX, comandados por Louis Antoine de Bougainville e que se destinava as Ilhas Malvinas.

Acompanhava a expedição o Beneditino Don Antonio José Pernety. Nessa época segundo ele haviam em Destêro somente uma botica e uma ferraria. (17)

---

(14) — Taunay, A de E — S. C. nos Anos Primevos, pág. 13

(15) — Taunay, A de E — S. C. nos Anos Primevos, pág. 13

(16) — Taunay, A de E — S. C. nos Anos Primevos, pág. 20

(17) — Taunay, A de E — S. C. nos Anos Primevos — pág. 53

Bougainville obteve do Governador de S. C., Cardozo de Menezes e Souza, licença para fazer aguada, achando-a excelente, e também **para cortar lenha de cedro (Cedre Cedaela la fissilis Vell.)**, canela (**Ocotea pretiosa (Nees) (Mez.) pau brasil**, etc. A respeito do pau brasil (**Guilandia echinata (Lamb.)**), é preciso notar que essa espécie não ocorre nem na ilha e nem no nosso Estado. Sua área de dispersão chega somente até o Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Durante dois dias os marinheiros de Bougainville, carregaram os porões das naus, de lenha, toda ela de canela sassafrás (**Ocotea pretiosa (Nees) Mez.**) e cedro (**Cedrela fissilis Vell.**), além de madeira para mastros sobressalentes. "Parece-me que esta Ilha será um lugar de habitação excelente, se seus moradores se derem ao trabalho de a desbravar, pois a não ser na pequena vila em que reside o Governador só há algumas pobres choupanas esparsas pelo litoral e a **Ilha toda não parece senão vasta floresta**" — Palavras de Don Pernety.

Sobre a flora escreve o Beneditino: "Era bem variada, havia arbustos odoríferos, palmeiras de caule fino e longo (*Euterpe edulis* L.), aloes espinhoso (*Aloe spicata* L., ou *Philodendron Martianum* Engl.), ananases cheirosos (**Ananas comosus** (L.) Mers.) romãs (**Punica granatum** L.), maracujá (**Passiflora edulis** Sims.), limões (**Citrus medica** L. **Var. limonum.**) e laranjas (**Citrus aurantium** L. var. **sinensis**), batata doce (**Ipomea batatas** Lamb.), inhames (**Calocasia antiquorum** Scott), bananeira (**Musa paradisiaca** L. var. **sapientum**), uma pimenta **danada**, pequena mas que valia pelas maiores das Antilhas (a respeito dessa pimenta nada conseguimos obter), algodoeiro (**Gossipium barbadense**), pita (**Fourcroya gigantea** Vent.), etc. Da goiabeira (**Psidium guajava** L. var. **pomiferum** L.), cita que um negro curandeiro tratou um marinheiro disentérico com chá de goiaba.

Dom Pernety, diz que procurou o bálsamo de Copaiba que abundava em Santa Catarina mas não o conseguiu porque o bálsamo só fluía na lua cheia.

Não poderia ter conseguido pois o bálsamo de copaiba é obtido da **Copaífera langsdorffii** que não ocorre na Ilha e nem no Estado.

Existe aqui somente o **Copaífera trapezifolia** Hayne, popularmente conhecido como **óleo copaiba, óleo, ou pau de óleo.** <sup>(18)</sup>

---

(18) — Taunay, A de E — S. C. nos Anos Primevos — pág. 56



Bougainville que deixou a Ilha a 14 de dezembro de 1763, tem seu nome ligado a um gênero das Nyctaginaceae, **Bougainvillea**, com duas espécies a **spectabilis** e a **glabra**.

O. Cabral anotou que no norte da Ilha, Canasvieiras o povo conhece a Bougainvillea com a denominação de **Baguviria**.

Quando governava Santa Catarina, Francisco de Barros Moraes de Araújo Omem, chega a Ilha uma expedição francesa comandada por Jean François de Galaup, "Conde de La Perouse".

Sua chegada se deu a 6 de novembro de 1785, na Baía Norte. Um dos oficiais, Thowin, levou para a França mudas de laranjeiras, cidreiras e limas, e coletou sementes de algodão e de diversas árvores frutíferas. Abastecidos de víveres e de **lenha** e troncos de cedro (**Cedrella fissilis** Vell.) para mastros e sobressalentes, partem provavelmente a 20 de novembro do mesmo ano para o Pacífico. La Perouse não encontrou desenvolvimento na Ilha, porém o desmatamento se tornava maior. A primeira expedição russa que nos visitou foi a comandada por Adão João de Krusenstern "Barão de Krusenstern", que aqui chegou a 20 de dezembro de 1803. Na expedição vinha o naturalista Langsdorff.

O Governador Cel. Joaquim Xavier Curado manda cortar duas árvores para que fossem substituídos o mastro grande e o traquete de uma das embarcações. Cerca de **80 espécies de madeiras** foram colecionadas por Langsdorff, tanto na Ilha como no continente, convém lembrar que na época era proibida pelo governo a exportação de madeiras, malgrado a declaração de D. João VI de ser Destêrro porto franco.

O físico da expedição Dr. ESPEUBERG, diz não haver conseguido nenhum óleo de sassafrás (**Ocotea pretiosa** (Nees) Mez.) e nem de ricino (**Ricinus communis** L.) e que aqui abundavam segundo lhe tinham informado. Krusenstern diz: que as **madeiras eram magníficas** e quase de graça, aguada, excelente, lenha baratíssima (1 milheiro de achas custava 500 réis). O clima ótimo, e os frutos eram abundantes. <sup>(19)</sup>

Krusenstern informa que vasta extensão de terra fora desbravada. <sup>(20)</sup>

---

(19) — Taunay, A. de E.; S. C. nos Anos Primevos

(20) — Saint'Hilaire — Viagem a Província de S. C. — pág. 33

Sant'Hilaire, em 1820, assim se refere às matas da Ilha de Santa Catarina: "a ponta que limita o porto pelo lado sul é revestida de florestas verde escuras; mais distante divisam-se morros cujas encostas foram cultivadas". (21)

"Os morros que dominam a cidade do lado de leste, ainda se acham coroados de mata virgem".

Por toda a parte o terreno foi desbravado e se acha cultivado ou coberto de capoeiras". (22)

"Basta dizer que, à exceção dos lugares baixos e inundados pelas águas do mar, a ilha do mesmo nome era primitivamente coberta de mata virgem". (23)

Os arredores da cidade de S. C. foram desbravados, encontrando-se **mata virgem** unicamente nas sumidades dos morros. (24)

Trinta e oito dias após a proclamação da Independência do Brasil, ou seja no dia 16 de outubro de 1822, ancora na Ilha de S. C. a fragata La Coquille, trazendo uma expedição francesa comandada por Duperrey e Dumont D'Urville.

Como membro da expedição Duperrey, vinha Renato Primmer Lesson, médico e Diretor do Jardim Botânico de Rochefort e representando o Museum de Paris. No seu relato, Lesson diz que os Ilhéus eram pobres, pois até as espadas de coqueiros serviam de berço a recém nascidos, e que as mulheres fabricavam um sabão preto, com sebo e cinzas de samambaia (**Pteridofitos**), e que já se tecia algodão. A exuberância da flora ilhoa deixa-o encantado, dizendo: "**que se chegasse a ter grande população, conviria se tratasse de conservar as florestas, evitando-se o desmatamento**". (25)

### Primeiras medidas contra o desmatamento

Foi em, 1715, que os moradores da Ilha, apresentaram a Aguiar a seguinte petição, baseada no fato das constantes paradas de barcos estrangeiros na Ilha, procuravam eles defenderem já naquela época as nossas riquezas florestais.

---

(21, 22, 23 e 24) — Saint ' Hilaire — Viagem a Prov. de S. C. — págs. 152, 159 e 167.

(25) — Taunay, A de E; — S. C. nos Anos Primevos — 113.

A petição que era datada de 25 de janeiro de 1715, dizia entre outras o seguinte:

“No tocante a se povoar êstes pôrtos dizemos que nenhum necessita de ter mais povoado que esta Ilha de Santa Catarina por muitas razões; uma para defender as **aguadas e lenhas** dos navios inimigos que atual ou quase todos os meses portam nesta ilha, assim os que vão como os que vêm para o mar do sul; assim os faziam em tempo que tinhamos guerras sem que nós pudessemos impedir por sòmente morarmos nesta Ilha vinte e dois moradores pobres, sendo ela capaz de acomodar em si muitos mil moradores”. E mais, “a sercunstância que avendo os se podiam sustentar todos os portos do Brasil, como os de Portugal, de **Trigo**, e tudo mais”. E não esqueceram de mencionar a cana de açúcar; “de outras e muito grande conveniencias da fabricação de engenhos de assucar que Sua Magestade podia ter muitas conveniencias”. Quinze moradores assinaram a petição e suas firmas foram reconhecidas pelo público tabelião do judicial e notas de Santos. <sup>(26)</sup>

### **Proibição sobre o Corte de Madeiras**

Em 1754, para evitar o corte indiscriminado de madeiras, principalmente as mais indicadas para a construção naval, foi proibido o corte de todas as madeiras antes de um exame prévio.

A proibição abrangia de início as matas e posteriormente estendeu-se até as matas de propriedade particular, conforme Provisão de 17 de outubro de 1754. <sup>(27)</sup>

De uma relação enviada em 1798, por Joaquim Correa dos Santos, construtor naval no Rio de Janeiro, constam as madeiras cujo corte estava proibido: (daí a denominação de Madeiras de Lei).

- + Louro preto louro pardo — (**Cordia trichotoma** (Vell.) Arrab.)  
— Boraginaceae, árvore já rara na Ilha cuja altura atinge de 30 a 35 metros de diâmetro de 80 a 100 cm — Especial para tabuados de costado, alcaxas, conveses e forros, aduelas para tonéis e pipas;

---

(26) — Taunay, A de E; — S. C. Colonial — pág. 45 — 46.

(27) — Cabral, O. R. — Os Açorianos pág. 65.

- + Cedro vermelho — costado, alcaxa, convés, figuras das naus e obras mortas; trata-se do **Cedrela fissilis** Vell. Meliaceae pouco abundante.
- + Óleo vermelho — (**Copaifera trapezifolia**, Hayne) Leguminosae e muito rara na Ilha, atualmente.  
Araribá: — utilizado em: costado, alcaxa, convés e braços, aposturas e curvas e busardas — É o (**Machaerium villosum** Vog.).  
Leguminosae não existente na Ilha.
- + Canela preta — utilizado em — cavernas e braços, aposturas, curvas e busardas — (**Ocotea catharinensis** Mez.) uma Lauraceae já em desaparecimento.
- + Caboré — idem e mais mãos de cinta — Acreditamos seja o Cambroé (**Casearia inaequilatera** Camb.), essa Flaucortiaceae é muito freqüente nas matas da Ilha.
- + Cabriuna: idem — (Cabriuva) — **Myrocarpus frondosus** Fr. Allem.), Leguminosae muito rara na Ilha.
- + Ipê: — superior a todas elas e também para costados, — Tabebuia avellanadae Lor. ex. Griseb. — T. pulcherrima Sandw. — T. umbellata (Sond.) Sandw., também conhecida por ipê verde, l. da praia, l. branco, Ipê mandioca, hoje já bastante rara a presença dessa Bignoniaceae em nossa Ilha.
- + Alicurana: — deve ser vermelha, (era a recomendação) para cavernas etc. Acreditamos ser a Licurana (**Hyeronia alchorneoides** Fr. Allem.) Euphorbiaceae bastante freqüente nas matas ilha.
- + Peroba — serve para tudo: — (**Aspidosperma pyricollum** M. Arg.), Apocynaceae, também conhecida como peroba vermelha e matiambu, é freqüente nas matas da Ilha.
- + Canela burra: — tabuado de forro e de costado — (**Ocotea Kuhlmannii**, De Vatimo), essa Lauraceae conhecida também como c. fedorenta, c. merda, é pouco freqüente na Ilha.  
Massaranduba: — Cavernas e braços: Essa Sapotaceae, Manilkara subserica não existe na Ilha atualmente. Foi pela equipe de Botânica, da U.F.S.C. constatada sua existência em Ganchos, região fronteira a Ilha e coletado material botânico em junho de 1971, motivo pelo qual acreditamos ter existido em épocas anteriores aqui na Ilha.

Nota: Das espécies assinaladas com (+), foram feitas observações e coletado material botânico na Ilha, pela equipe do Centro de Pesquisas e Estudos Botânicos.

Em 1785 o Vice-rei, fazia lembrar a proibição do corte de madeiras, conforme a Relação da Ordem de 8 de março de 1773, incluindo nela a Peroba (**Aspidosperma pyricollum** M. Arg.). <sup>(28)</sup>

Nota: Desta Apocynaceae foram coletados sementes e produzidas mudas, no Horto Botânico da nossa Universidade, para reflorestamento.

### Proibido o corte do Pau Brasil

Em documento datado de 19 de janeiro de 1793, e remetido à Câmara, o Conde de Resende, Vice-rei, proibia o corte do **pau brasil**, punindo com pena de morte e o confisco de bens aqueles que infringissem as ordens.

Protestaram os Desterrenses, pois os escravos e mesmos inimigos, poderiam fazê-lo culpando-os. O Vice-rei, atende a reclamação mandando aplicar a pena aos que vendessem ou extrviassem os mesmos paus. <sup>(29)</sup>

É bastante curiosa essa proibição para a Capitania e para a Ilha de Santa Catarina, pois o pau brasil (**Guilandia echinata** Lam.), não ocorre em forma nativa tanto na Ilha como no Estado. Sua área de dispersão chega somente até Rio de Janeiro e Espírito Santo.

E isto já era sabido desde 1576. Nesse ano Pero de Magalhães de Gandavo publicava a História da Província de Santa Cruz.

Nela se lê: "Também há muito pao Brasil nestas capitánias, de que os mesmos moradores alcançam grande proveito: o qual pao se mostra claro ser produzido da quentura do Sol, e creado com a influência de seus raios, porque nan se acha senan debaixo da torrida zona, e assi quanto mais perto esta da linha Equinocial, tanto he mais fino e de melhor tinta; e **esta he a cauza porque o nam ha na Capitania de San Vicente nem dali para o Sul**". <sup>(30)</sup>

(28) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 65

(29) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 67

(30) — Hoehne, F. C. — Bot. e Agric. no Brasil — pág. 170

## Proibido o Corte do Mangue

Pelo mesmo Conde de Resende, foi proibido o corte de mangue (**Rhizophora mangle** L.) — Rhizophoraceae, mangue de sapateiro — (**Laguncularia racemosa** (L), Gaertn. — Combretaceae; Mangue (**Clusia criuva** Cambess, — Guttiferae. Posteriormente a proibição foi suspensa, permanecendo contudo a proibição do mangue empregado para o cortume. Antonil falando dos engenhos de açúcar, no Norte, diz que a melhor lenha para caldear é a de mangue. <sup>(31)</sup>

## Madeiras preferidas e suas aplicações no século XVIII, segundo Miranda Ribeiro

Bastante apreciadas eram as madeiras das matas catarienses, não só pela qualidade como pelos preços.

As mais procuradas segundo Laytano, citando relatório Miranda Ribeiro eram:

Ipê — **Tabebuia umbellata** e **Tabebuia pulcherrima** T. ave. Ilaneda. Mart. Bignoniaceae.

Canela preta — **Ocotea catharinensis** — Mez — Lauraceae.

Tapinhoã — Tarumã — (**Vitex megapotamica** (Spreng.) Mold. Verbenaceae, dessa foram remetidas várias dezenas de dúzias para Lisboa. <sup>(32)</sup>

**Nota:** Com a denominação de Tapinhoã ou Tucaneira é conhecida outra Verbenaceae, a **CYTHAREXILUM MYRIANTHUM** Cham, ambas coletadas na Ilha pela equipe C.P.E.B., a 1ª coletada na restinga onde ocorre como arbusto, e a 2ª na mata da encosta Atlântica com hábito de árvore.

Peroba — (**Aspidosperma pyricollum** M. Arg.) — Apocynaceae.

Cedro — **Cedrela fissilis** Vell. — Meliaceae.

---

(31) — Antonil — Cultura e Opulência do Brasil — pág. 48

(32) — Laytano, Dante — Corografia da Capitania de S. C. — pág. 56 e 161

Massaranduba — Uma Sapotaceae que não existe na Ilha. Encontrada em junho de 1971 na localidade de Ganchos, pela equipe de Botânica da U.F.S.C.

Óleo — (**Copaifera trapezifolia**, Hayne) — Leguminosae.

Ainda no relatório de Miranda Ribeiro, "pelo que respeita as madeiras, têm diversos usos e aplicações: As mais gerais são as seguintes".<sup>(33)</sup>

#### **Para tabuados de assoalho, portas e janelas**

Canela — **Ocotea sp.**, não especifica a espécie — Lauraceae.

Louro — **Cordia trichotoma** (Vell.) Arrab. — Boraginaceae.

#### **Para forros de casas**

Cedro — **Cedrela fissilis** Vell. — Meliaceae.

Baguassú — **Talauma ovata** St. Hilaire — Magnoliaceae.

#### **Para Portas**

Canela preta — **Ocotea catharinensis** Mez. — Lauraceae.

Tajuba — **Chlorophora tinctoria** (L.) Gard. — Moraceae.

#### **Para esteios de casas,**

Siguraju — (cremos ser o sucurujuva ou sobragi — **Colubrina rufa**. (Mart.) Reis. — Rhamnaceae.

Cambuim — **Blepharocalyx apiculatus** Berg. — Myrtaceae.

Cerne de canela preta — **Ocotea catharinensis** Mez. — Lauraceae.

#### **Para barrotes de chão**

Siguraju — **Colubrina rufa** (Mart.) Reiss — Rhamnaceae.

Ipê — **Tabebuia pulcherrima** — Sandw. — Bignoniaceae.

#### **Para os do ar**

Guamerim — Não há citação das espécies. — Na Ilha existem várias espécies dos gêneros **Calypttranthes**, **Eugenia**, **Gomi-**

(33) — Laytano, Dante — Corografia da Capitania de S. C. —  
pág. 56 e 161

**desia**, **Myrcia** e **Myrceugenia** com a denominação popular de Guamirim — Myrtaceae.

**Nota** Pela equipe de Botânica da U.F.S.C., duas novas espécies foram encontradas na Ilha; a **Mirceugenia ferreiralinana** Klein & Legr., e a **Calyptranthes ranulphii** Leg., a primeira popularmente conhecida como Guamirim e a segunda como Guamirim-ferro.

#### **Para linhas de casas**

Pindaubuna — **Dugetia lanceolata** St. Hilaire — Annonaceae — Nota: a Pindaubuna foi também bastante usada para a confecção de remos.

#### **Para caibros**

Olandim — **Calophyllum brasiliense** Camb. — Guttiferae.

#### **Para obras de marceneiro**

Óleo — **Copaifera trapezifolia**, Hayne — Leguminosae.

Araribá — **Macaberium villosum** — Vog. Leguminosae — Nota: **Não ocorre na Ilha.**

Peiquiá (pequiá) — **Aspidosperma camporum** M. Arg. — Apocynaceae.

Peroba — **Aspidosperma pyricollum** M. Arg. — Apocynaceae.

Canela — **Ocotea Catharinensis** Mez — Lauraceae.

#### **Para canoas**

Ganiva — Com essa denominação popular não nos foi possível a identificação, é provável um erro de grafia de Garuva que é o **Cinnamomum Glaziovii** (Mez) Kosterm — Lauraceae.

Gurajuba — **Buchenavia Kleinii** Exell. — Combretaceae, também com o nome de Garajuba-mirim existe outra Combretaceae a **Terminalia Reitzii**, muito rara na Ilha.

Cedro — **Cedrela fissilis** Vell. Meliaceae.

Pau de bicho — **Lafoesia pacari** St. Hilaire — Lythraceae.

Figueira — **Ficus organensis**, **F. gamelleira**, **Ficus insipida**. Moraceae.



Gapunibu — Cremos ser (Garapuvu) — **Schizolobium parahybum** (Vell.) Blake — Leguminosae.

**Para liames de embarcações**

Lucurana — **Hyeronima alchornioides** Fr. Allem. — Euphorbiaceae.

Carvalho — **Roupala cataractarum** Sleum — Proteaceae.

Ipê — **Tabebuia pulcherrima** Sandw. — Dignoniaceae.

**Para obras de costado de embarcações, forros e aguadas das mesmas**

Peroba (Vermelha) — **Aspidosperma pyricollum** M. Arg. — Apocynaceae.

**Nota:** A peroba branca não existe na Ilha.

Louro — **Cordia Trichotoma** (Vell.) Arrab. — Boraginaceae.

**Para mastros de embarcações**

Óleo — **Copaifera trapezifolia** Hayne — Leguminosae.

**Para obras de tanoaria**

Louro: **Cordia trichotoma** (Vell.) Arrab. — Boraginaceae.

Carvalho — **Roupala cataractarum** Sleum. — Proteaceae.

**Observações:** Das madeiras constantes dessa relação foram, pela equipe de botânicos do Centro de Pesquisas e Estudos Botânicos, coletados material botânico na Ilha. Somente do cambium **Blepharocalyx apiculatus** Berg, apesar da existência do mesmo na Ilha, ainda não conseguimos material botânico para as nossas coleções.

Os dados referentes à presente relação são baseados no ano de 1796.

**Relação das Madeiras úteis que há na Ilha de Santa Catarina, e nos mais Distritos da sua jurisdição.** <sup>(34)</sup>

Segundo relatório do Governador João Alberto de Miranda Ribeiro, datado de Vila do Destêrro a 17 de novembro de 1797, existiam na Ilha as seguintes essências produtoras de madeira:

---

(34) — Laytano, Dante pág. 185

- Ariribá — *Machaerium villosum* Vog. Leguminosae — Não existe na Ilha.
- + Arueira — *Schinus therebinthifolius* Raddi-Anacardiaceae — Colhida.
- + Araçá — *Psidium cattleianum* Sab. Myrtaceae — Colhida.
- + Assoita cavalo — *Luechea divaricata* Mart. Tiliaceae — Colhida.
- + Arma de serra — *Alseis floribunda* Echott-Rubiaceae — Colhida.
- + Bigyassú, deve ser, (Baguaçu) — *Talauma ovata* St. Hil. Magnoliaceae — Colhida.
- + Bicuiba — *Virola oleifera* (Schott) A. C. Sm. Myristicaceae Colhida.
- + Bacupari — *Rheedia gardneriana* Pl. & Tr. Guttiferae — Colhida.  
Boacá — Com essa denominação popular não nos foi possível identificar de que vegetal se tratava
- + Batinga — *Eugenia rostrifolia* Legr. Myrtaceae — Colhida.
- + Cedro — *Cedrela fissilis* Vell. Meliaceae — Colhida.
- + Canela preta — *Ocotea catharinensis* Mez-Lauraceae — Colhida.
- + Canela amarela — *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez Lauraceae — Colhida.
- + Canela Sassafrás — *Ocotea pretiosa* (Nees) Mez Lauraceae — Colhida.
- + Canela burra — *Ocotea kuhlmannii* de Vattimo Lauraceae — Colhida.
- + Canela sebo — *Persea racemosa* (Vell.) Mez Lauraceae — Colhida.
- + Canela do brejo — *Ocotea pulchella* Mart. Lauraceae — Colhida.  
Canela ninansara — Não nos foi possível a identificação.
- + Cabrue — *Casearia inaequilatera* Camb. Flacourtiaceae — Colhida.
- + Cabriuna — *Myrocarpus frondosus* Fr. Allem. Leguminosae — Colhida.

- + Cambuim — *Blepharocalyx apiculatus* Berg Myrtaceae — Colhida.
- + Cambuata — *Matayba guianensis* Aubl. Sapindaceae — Colhida.
- + Carvalho — *Roupala cataractarum* Sleum. Proteaceae — Colhida.
- + Capororoca — *Rapanea ferruginea* (R. & P.) Mez Myrsinaceae — Colhida.
- + Caroba — *Jacaranda micrantha* Cham. Bignoniaceae — Colhida.  
 Camara — *Lantana camará*, *L. fuscata*, *L. brasiliensis* é uma erva da família Verbenaceae. Com o nome de Cambará ou camará-do-mato conhece-se no Estado à Moquinia molíssima Malme, pequena árvore — Compositae.  
 Canharamim — Desconhecida essa denominação popular.
- + Concom — *Erythroxylon amplifolium* (Mart.) O. E. Schultz Erythroxylaceae — Colhida.
- + Cutia — *Esenbeckia grandiflora* Mart. Rutaceae — Colhida.
- + Cutigua (Catigua) — *Trichilia tetrapetala* C. DC; Meliaceae — Colhida.
- + Figueira branca — *Ficus organensis* Mig. — Moracea — Colhida.  
 Figueira vermelha
- + Garuva — *Cinnamomum* sp. Lauraceae — Colhida.
- + Guarajuba amarela — *Buchenavia Kleinii* Exell Combretaceae — Colhida.
- + Guamerim vermelho — *Gomidesia spectabilis* Berg Myrtaceae — Colhida.
- + Guamerim branco — *Calyptranthes eugeniopsoides* Legr. et Kaus. Myrtaceae — Colhida.
- + Guamerim ferro — *Calyptranthes lucida* Mart. Myrtaceae — Colhida.  
 Guamerim gersara — Não foi possível a identificação.  
 Guatambu — *Aspidosperma ramiflorum* Muell. Arg. Apocynaceae — Não existe na Ilha.  
 Nota: Existe o *Allophylus edulis* (St. Hilaire) — Murta vermelha — Sapindaceae de 3 a 8 mts. — Raro.

- + Guapurubu — Guarapuvú — *Schizolobium parahybum* (Vell. Blacke Legum. — Colhida.
- + Guraparim (guaraparim) — *Vantanea contracta* (Moric.) Urb. Humiriaceae — Colhida.
- + Grapicica (Carapicida)<sup>f</sup> — *Sorocea ilicifolia* Miq. Moraceae — Colhida.
- + Gessara (Juçara) — *Euterpe edulis* Mart. Palmae — Não colhida.  
Gerserana — Não conseguimos sua identificação.
- + Guaca — *Pouteria venosa* (Mart.) Baehni. Sapotaceae — Colhida.
- + Guabiroba — *Campomanesia reitziana* e *Campomanesia xanthocarpa* Berg. — Myrtaceae — Colhida.
- + Goiabeira — *Psidium guaiava* L. cultivada — Colhida.
- + Guarassica (Carapicica) — *Sorocea ilicifolia* Miq. Moraceae — Colhida.
- + Jacarandá vermelho — *Platymiscium floribundum* Vog. Leguminosae — Colhida.  
Jacarandá preto —
- + Jacatirão — *Miconia cinnamomifolia* (DC.) Naud., *M. candolleana* — Melastomataceae.
- + Ipê — *Tabebuia pulcherrima* Sandw. Bignoniaceae — Colhida.  
Ipecayarana — Com tal denominação não foi possível a identificação.
- + Ipauva (embauba) — *Cecropia adenopus* Mart. Moraceae — Colhida.
- + Jaboticaba — *Myrciaria trunciflora* Berg. Myrtaceae — Colhida.
- + Loiro — *Cordia trichotoma* (Vell.) Arrab. Boraginaceae — Colhida.
- + Licurana — *Hyronima alchorneoides* Fr. Allem. Euphorbiaceae — Colhida.
- + Laranjeira do Mato — *Sloanea guianensis* (Aubl.) Benth. Elaeocarpaceae — Colhida.
- + Limeira — *Citrus limon*

- + Malambu — Cremos ser Matambu ou Matambu — Peroba — Peroba vermelha — *Aspidosperma pyricollum* M. Arg. — Apocynaceae.
- + Mangue — *Rhizophora mangle* L. Rhizophoraceae — Colhida.  
Massaranduba — Não existe na Ilha, encontrada e coletado material botânico em junho de 1971, na localidade de Ganchos, no Continente e fronteiro à Ilha.  
Moira — Denominação desconhecida na Ilha.
- + Mamona-pao — Com essa denominação nada conseguimos identificar. Entretanto com o nome de mamona, conhecem-se 3 espécies de Myrtaceae, duas do gênero *Eugenia*; a *E. pruinosa* Legr., árvore de 20 a 25 metros muito rara na Ilha, e *E. cerasiflora* Miq. também rara na Ilha e *Caly corectes australis* Legr. var. *australis*.
- + Óleo preto — *Copaifera trapezifolia* Hayne Leguminosae — Colhida.
- + Óleo branco — *Copaifera trapezifolia* Hayne Leguminosae — Colhida.
- + Óleo vermelho — *Copaifera trapezifolia* Hayne Leguminosae — Colhida.
- + Peroba vermelha — *Aspidosperma pyricollum* Muell. Arg. Apocynaceae — Colhida.
- + Peroba branca — Não existe na Ilha.
- + Periparoba — Acreditamos ser erro de cópia, pois periparoba é uma erva, o *Piper superbum* Miq. — Piperaceae. No norte do Brasil usavam os troncos da embauva, (*Cecropia adenopus* Mart.) uma Moraceae, para fazerem bombas para extrair a água dos porões das embarcações, e lá a embauva era conhecida como Paraparaiba <sup>(35)</sup>.
- + Piquia — *Aspidosperma camporum* M. Arg. Apocynaceae — Colhida.
- + Pao de bicho — *Lafoensia pacari* St. Hil. Lythraceae — Colhida.
- + Pao de leite — *Pachystroma longifolium* (Nees) I. M. John. Euphorbiaceae — Colhida.

(35) — Hoehne, F. C. — Botânica e Agricultura no Brasil, pág. 294

(36) — Cabral, O. R. — História de Santa Catarina — pág. 22

- + Pao de sangue — *Pterocarpus violaceus* Vog. Leguminosae muito rara.
- + Pao de estopa — *Cariniana estrellensis* (Raddi) O. Ktze. Lecythidaceae.

NOTA: Árvore de 25 a 30 metros de altura com cerca de 70 centímetros de diâmetro é hoje raríssima na Ilha. Foi possivelmente com material dessa árvore que proveio o fio para calafete oferecido pelos insulanos a Caboto em 1526, e com o qual calafetou sua galeota Santa Catarina. <sup>(36)</sup>

Também Paulo de Brito nos faz referência a ela: "De um arbusto chamado **estopa-pau**, extraem uma estopa própria para calafeto de embarcações. <sup>(37)</sup>

Pao de bativa — Sobre essa árvore e com tal denominação popular não nos foi possível a identificação.

- + Pindaubuna — *Duguetia lanceolata* St. Hl. Annonaceae — Colhida.
- + Papagoela — *Gomidesia affinis* var. *catharinensis*. Myrtaceae — Colhida.  
Pinho (como o do Reino) — Não existe na Ilha, seu plantio foi tentado aqui em 1750 pelo governador Cel. Manoel Escudeiro.
- + Pitanga — *Eugenia uniflora* L. Myrtaceae.
- + Pessegueiro — *Prunus persica* (L.) Stokes Rosaceae-Cultivada.
- + Segurajú — (Sucurujuva) — *Colubrina rufa* (Mart.) Reiss. Rhamnaceae — Colhida.
- + Salsafra preto — *Ocotea pretiosa* (Nees) Mez Lauraceae — Colhida.
- + Salsafra branco —
- + Sabugueiro — *Sambucus australis* Cham. et. Schl. Caprifoliaceae — Colhida.

---

(37) — Brito, Paulo J. Miguel de, *Memória Política* — pág. 63

- + Tajubá (tajuva) — *Chlorophora tinctoria* (L.) Gaud. Moraceae — Colhida.
- + Timbouvá (Timbauva) — *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong. Leguminosae — Colhida.
- + Ulandi (Olondi) — *Calophyllum brasiliense* Camb. Guttiferae — Colhida.

NOTA: Das espécies assinaladas com + foram feitas observações e coletado material botânico na Ilha, para o Herbário da U.F.S.C.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida Coelho, Manoel Joaquim de — Memória Histórica da Província de Santa Catarina — Tip. Desterrense — 1856.
- Antonil, André João — Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas — Cons. Nac. de Geografia — 1963.
- Brito, Paulo José Miguel de — Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina — 1824.
- Cabral, Oswaldo R. — História de Santa Catarina — U. F. S. C. — Imprensa Universitária — 1968.
- Cabral, Oswaldo R. — Os Açorianos — Imprensa Oficial — Florianópolis, 1950.
- Fontes, H. da Silva — A Irmandade do Senhor dos Passos, e aqueles que o fundaram, Edição do autor, 1965.
- Hoehne, F. C. — Botânica e Agricultura no Brasil — Comp. Ed. Nacional — S. Paulo, 1937.
- Laytano, Dante — Corografia da Capitania de Santa Catarina — Rev. do Inst. — Histórico e Geográfico Brasileiro — Vol. 245, 1959.
- Medina, José Terebio — El Veneciano Sebastian Caboto, al servicio de España. Tomo I, Santiago do Chile, Impr. Universitária — MCMVLLL.
- Saint'Hilaire, Auguste de — Viagem a Província de Santa Catharina.
- Mira, Crispim — Terra Catarinense.
- Taunay, Affonse de E. — Santa Catarina nos Annos Primevos — S. Paulo — Tip. Diário Official — 1931.
- Taunay, Affonse de E. — Em Santa Catarina Colonial — São Paulo — Impr. Oficial do Estado — 1936.  
The Modern Traveller — A Popular Description, of the Various Countries of the Globe. Brazil and Buenos Ayres. Vol. 1 — London 1825.
- Klein, R. M. — Árvores Nativas da Ilha de Santa Catarina — Ínsula n. 3 — Outubro 1969 — Florianópolis.
- Reitz, P. Raulino — Os Nomes Populares das Plantas de Santa Catarina — Sellovia n. 11 — 1959 — Itajaí.